

Pesquisa inédita do INCA revela que, no Brasil, quase **80% dos casos de câncer de cabeça e pescoço são identificados em estágios avançados**

Detectar tardiamente um tumor maligno pode comprometer as chances de cura e ainda ter como efeito a diminuição das taxas de sobrevivência dos pacientes. Em determinados tipos da doença, essa demora é mais comum do que se imagina. Um exemplo é o câncer de cabeça e pescoço, que apresenta percentuais significativos de diagnósticos tardios. Pesquisadores do INCA conduziram um estudo inédito, com casos registrados entre 2000 e 2017, no qual verificaram que 78,2% deles foram identificados em estágios avançados (III ou IV). Fatores de risco como tabagismo e consumo de bebidas alcoólicas, além de baixa escolaridade e reduzida disponibilidade de serviços de saúde especializados, contribuem para o quadro.

A pesquisa deu origem ao artigo *Disparidades no estágio do diagnóstico de tumores de cabeça e pescoço no Brasil: uma análise abrangente de Registros Hospitalares de Câncer*, que lança luz sobre a falta de conhecimento, por parte de grande parcela da sociedade, dos sintomas iniciais provocados pela enfermidade e sobre as barreiras no acesso à saúde. O resultado dessa investigação foi publicado em fevereiro na revista britânica *The Lancet Regional Health*.

“É um cenário que já vem sendo observado há muitos anos, o que nos motivou a nos debruçarmos sobre ele. O intuito era entender quais condições estariam associadas ao alto percentual de tumores detectados numa fase tão avançada”, explica Flávia Nascimento de Carvalho, epidemiologista da Divisão de Vigilância e Análise de Situação (DIVASI), da Coordenação de Prevenção e Vigilância, que desenvolveu o trabalho no âmbito de seu curso de doutorado.

Maioria é de homens

De acordo com o levantamento, que analisou mais de 145 mil pacientes por meio dos Registros Hospitalares de Câncer existentes no país, do total de pessoas com a doença avançada, a maioria é do sexo masculino (84,9%), tem menos de 60 anos (54,4%) e baixa escolaridade (40,8%), é consumidora de álcool (58,2%) e tabaco (71,3%) – hábitos de risco relacionados à enfermidade – e são portadoras de carcinoma primário localizado na orofaringe (31,7%) ou hipofaringe (11,3%).

A pesquisa também apontou que os resultados obtidos são fruto de fortes disparidades regionais. Todas as unidades da Federação apresentaram elevados percentuais de doença avançada, com destaque para os das regiões Norte e Nordeste, refletindo desigualdades na oferta de serviços especializados de saúde.

“É evidente que um morador da Região Metropolitana de São Paulo, por exemplo, tende a receber atendimento com



Profissionais do Instituto autores do estudo: Fernando Dias, Luís Felipe Martins, Luis Felipe Ribeiro Pinto, Flávia Nascimento de Carvalho, Luciano Mesentier e Marianna Cancela

mais agilidade e qualidade em comparação a quem vive em áreas mais remotas. A sondagem leva em consideração essas variáveis regionais, reconhecendo que, em estados com melhor estrutura de saúde, há mais probabilidade de acesso ao diagnóstico oportuno e à realização de procedimentos como a biópsia”, ilustra Luís Felipe Leite Martins, chefe da DIVASI e um dos autores do estudo.

Primeiros sintomas

Diferentemente de outros tipos de carcinoma, o câncer de cabeça e pescoço – com exceção do que acomete a hipofaringe – não é tido como “silencioso” ou sem manifestações clínicas. Os primeiros sinais normalmente consistem em feridas na boca que não cicatrizam, dificuldade para engolir, sangramentos, dores constantes, rouquidão persistente e caroços no pescoço. Quanto antes esses sintomas são percebidos, maior a possibilidade do tratamento ser eficaz.

Diante disso, os pesquisadores reforçam a importância de campanhas de prevenção e detecção precoce em grupos de elevado risco para mudar o quadro atual. Controle do tabagismo associado a políticas de redução do consumo de álcool e investimento na capacitação de profissionais da atenção básica são caminhos que ajudariam a reduzir o número de diagnósticos tardios. As estimativas de cura para o câncer de cabeça e pescoço são de 90%, se tratado desde cedo.

Autoria

Além de Flávia Nascimento de Carvalho (autora principal) e Luís Felipe Leite Martins, são autores do trabalho Marianna de Camargo Cancela, Luciano Mesentier da Costa, Fernando Luiz Dias e Luis Felipe Ribeiro Pinto (do INCA) e Dyego Leandro Bezerra de Souza (da Universidade Federal do Rio Grande do Norte).

Fonte: Revista Rede Câncer